



# Será que Algum Dia o Exército Aprenderá Boas Técnicas de Relações com a Mídia? O Centro Médico Walter Reed como Estudo de Caso

Coronel James T. Currie, da Reserva do Exército dos EUA, Reformado, Ph.D.

*As opiniões apresentadas neste artigo são do autor e não representam necessariamente as da Escola Industrial das Forças Armadas (ICAF), da Universidade Nacional de Defesa ou do Departamento de Defesa dos EUA.*

*O Coronel James T. Currie, da Reserva do Exército dos EUA, Reformado, é doutor em História pela University of Virginia e é professor de Estudos de Segurança Nacional na Escola Industrial das Forças Armadas (Industrial College of the Armed Forces — ICAF) desde 1991. Sua experiência com a imprensa inclui 31 meses como porta-voz do Comitê de Inteligência do Senado dos EUA; quatro anos como apresentador e moderador do programa de televisão patrocinado pelo Exército dos EUA “America’s Army”; dois anos como oficial de relações públicas do 310º Comando de Área do Teatro de Operações do Exército, Reserva do Exército dos EUA; e oito anos dirigindo os estudos da indústria da imprensa na ICAF. Serviu durante 30 anos no Exército da ativa e da reserva.*

*Foto: O Subtenente Allan Blaydes anda pelo corredor do segundo andar do Prédio 18 do Centro Médico do Exército Walter Reed, Washington D.C., em 15 de março de 2007.*

*AP Foto, Charles Dharapak*

**C**ASO SE QUEIRA um estudo de caso quase perfeito de como não lidar com a imprensa, a polêmica do Centro Médico do Exército Walter Reed (*Walter Reed Army Medical Center — WRAMC*) é um bom começo. Claro, o episódio do Walter Reed também oferece lições de liderança e responsabilidade. Embora algumas dessas lições se manifestem aqui, o foco deste artigo é na confusa interação do Exército com a imprensa e em como evitar que o terrível fiasco se repita.

No domingo, 18 de fevereiro de 2007, a revista dominical do jornal *Washington Post* — com circulação de pouco mais de 900.000 exemplares — veiculou uma reportagem de Dana Priest e Anne Hull, duas repórteres do quadro do jornal. Intitulada “Soldiers Face Neglect, Frustration At Army’s Top Medical Facility” (Soldados Enfrentam Negligência e Frustração na Principal Instalação Médica do Exército), a matéria provocou uma comoção no Congresso e no Departamento de Defesa. O parágrafo inicial era chamativo: “Atrás da porta do quarto do cabo do Exército Jeremy Duncan, parte da parede despencou e permanece suspensa, coberta de mofo. De pé no chuveiro, o engenheiro de combate ferido pode ver a banheira do andar de cima ao olhar para o alto por um buraco criado pela deterioração. Construído entre as duas guerras mundiais, o prédio inteiro fica, muitas vezes, impregnado de um cheiro de fritura. Há sinais de negligência por todo o lado: fezes de rato, baratas mortas, tapetes manchados, colchões de baixa qualidade.”<sup>1</sup> Duncan quebrou a coluna e perdeu uma orelha no Iraque, sendo levado para o Walter Reed para receber tratamento e se recuperar.

A matéria do *Post* descreveu, então, como as duas repórteres passaram quatro meses visitando o WRAMC, conversando com pacientes e suas famílias e vendo com seus próprios olhos as condições do que apelidaram de “O Outro Walter Reed”.<sup>2</sup> As repórteres entrevistaram o comandante do WRAMC, General George W. Weightman, incluindo os comentários e explicações dele na matéria.<sup>3</sup>

A reportagem foi um pesadelo para o Exército, e o *Post* a republicou no dia seguinte, acompanhada de um artigo longo sobre a Casa Mologne do WRAMC e os soldados ali hospedados. Uma instituição

projetada originalmente para alojar as famílias dos pacientes do Walter Reed, a Casa Mologne hoje acomoda os soldados convalescentes e suas famílias. Embora descreva as poltronas clássicas e os finos lustres no primeiro parágrafo, a matéria não enfatiza o ambiente físico, e sim a intransigência burocrática enfrentada pelos soldados convalescentes e seus familiares: “Em geral, o que os soldados fazem juntos é esperar — esperar por consultas médicas, avaliações, assinaturas e buscas de documentação perdida”. As repórteres citaram a esposa de um soldado: “Se o Iraque não o matar, o Walter Reed o fará”.<sup>4</sup>

A forma como o Exército tratou desse desastre de relações públicas começou antes mesmo de o *Post* imprimir a matéria inicial. O jornal enviou uma longa lista de perguntas ao Exército seis dias antes da publicação do artigo de Priest e Hull.<sup>5</sup> Segundo o Exército, nenhuma das perguntas tratava especificamente das condições experimentadas pelos pacientes no Walter Reed, referindo-se apenas ao processo e à documentação de pedidos de invalidez médica e ao modo como o Exército os administrava. Nenhuma das perguntas alertou o Exército sobre o assunto que seria o foco da matéria do *Post*: o estado da instalação em que os pacientes eram alojados. O Coronel Daniel Baggio, chefe de relações com a mídia da área de Comunicação Social do Exército na época, observou que “o Prédio 18 nem chegou a ser mencionado nas perguntas do *Post*”.<sup>6</sup>

O Exército aproveitou a lista de perguntas do *Post* para preparar o que o crítico de mídia do jornal, Howard Kurtz, chamou de “*briefing* preventivo”. O Exército contactou seis organizações de mídia rivais, oferecendo contar o que sabia sobre a reportagem prestes a ser publicada pelo *Post* e sua resposta a ela, pedindo-lhes que não publicassem nada — a expressão “embargar a matéria”

é usada na imprensa dos EUA — até que a edição antecipada de domingo chegasse aos supermercados e lojas de conveniência locais na tarde de sábado.<sup>8</sup>

**... a primeira regra ao lidar com uma matéria negativa: admitir quando se cometeu um erro e dizer ao mundo o que está sendo feito para corrigi-lo.**

O *briefing* preventivo teve sucesso parcial. No sábado, a *Associated Press* (AP) publicou uma matéria que citava o General Weightman várias vezes. Weightman disse que o Exército estava ciente das reclamações de alguns dos pacientes do Walter Reed. “A partir de nossas análises internas dessas percepções”, disse, “estamos modificando as nossas políticas e procedimentos conforme o necessário para tratar delas”.<sup>9</sup> A reportagem da AP não mencionou as condições no Prédio 18, aparentemente porque o Exército não sabia que elas fariam parte do artigo do *Post* e, portanto, não informou as outras organizações de notícias sobre o assunto.<sup>10</sup> Contudo, a matéria da AP não teve muita veiculação porque não continha grande novidade. Afinal de contas, problemas com burocracia não são nada de novo em Washington.

Das seis organizações de notícias que o Exército alertou, apenas o jornal *Los Angeles Times* foi problemático. No lado positivo, o *Times* mencionou que Weightman reconhecia muitos dos problemas no Walter Reed, observando que ele estava aumentando o número de funcionários designados para tratar dos veteranos feridos, um detalhe omitido na reportagem da AP. Na perspectiva do Exército, essa foi uma boa revelação. Demonstrou a primeira regra ao lidar com uma matéria negativa: admitir quando se cometeu um erro e dizer ao mundo o que está sendo feito para corrigi-lo.

Por outro lado, o *Times* citou extensivamente a reportagem do *Post*, dando ao esforço deste uma presença na Costa Oeste dos EUA, o que, de outra forma, talvez não ocorresse. O *Times* também promoveu o relato do *Post*

**... uma regra-chave para tratar de um desastre de relações públicas: não tente negar o óbvio.**



O Prédio 18 do Centro Médico do Exército Walter Reed, que foi usado para abrigar soldados feridos em recuperação, Washington D.C., 15 de março de 2007.

ao reportar que Paul Reickhoff, o chefe dos Veteranos do Iraque e Afeganistão da América (Iraq and Afganistan Veterans of America), disse ter um “amigo que havia sofrido ‘lesões catastróficas’ no Iraque e foi forçado a ‘carregar a sua papelada pela neve’ quando se tornou um paciente externo”.<sup>11</sup> Os comentários de Reickhoff não apareceram na reportagem do *Post* e, assim, esse novo detalhe se acresceu aos problemas de relações públicas do Exército, ao invés de reduzi-los.

Para piorar a situação, o *briefing* preventivo do Exército instigou a publicação de mais uma reportagem investigativa sobre o Walter Reed. Um dos jornais convidados para o *briefing* foi o *Army Times*, que recusou o convite. Em vez disso, decidiu publicar sua própria reportagem sobre o Centro Médico, na qual tinha trabalhado por vários meses. Segundo o *Columbia Journalism Review Daily*, o *Army Times* pretendia publicar sua reportagem algumas semanas mais tarde, mas o momento do *briefing* do Exército levou esse jornal semanal da Gannet a colocar sua matéria on-line imediatamente, sendo a versão impressa veiculada na segunda-feira, 19 de fevereiro, dobrando os problemas de mídia do Exército.<sup>12</sup>

A tentativa de manipular a mídia por parte do Exército por meio do “*briefing* preventivo” assumiu, assim, uma vida problemática própria.

O Coronel Baggio insistiu, porém, que o Exército não tinha feito nada de errado ao chamar os repórteres externos. “Queria ter convidado mais deles”, relatou quando indagado sobre o assunto.<sup>13</sup> Sua interpretação do episódio foi que o *briefing* permitiu ao Exército disseminar sua mensagem simultaneamente com a publicação da matéria do *Post*, em vez de esperar pelo próximo ciclo de notícias. Essa é uma forma de olhar a situação, mas o compartilhamento da reportagem do *Post* com as organizações de notícias rivais, até com a condição de embargo, causou constrangimento nos círculos da imprensa, levando a consequências desagradáveis.

Peter Spiegel, que escreveu a reportagem para o *Los Angeles Times*, disse a Kurtz, autor da matéria do *Columbia* citada anteriormente: “Ficamos bastante incomodados com o fato de o Exército tentar nos usar como sua divisão de Comunicação Social”.<sup>14</sup> O *briefing* também provocou a reação negativa da repórter principal do artigo do *Post*. “Como acha que isso afetará o nosso relacionamento?”, Priest perguntou a um oficial de Comunicação Social do Exército. “Acha que estarei disposta a lhe dar tanto tempo para responder, se você vai virar as costas e informar os meus concorrentes?”<sup>15</sup> É possível supor também que vários editores do *Post*, bem como outros jornalistas, ficarão desconfiados, a partir de hoje, ao lidar com oficiais de Comunicação Social do Exército futuramente. Pensarão: “Se o Exército

fez isso com um jornal tão poderoso como o *Post*, o que fará comigo e com a minha matéria? Talvez não lhes deva dar a oportunidade de vê-la antes da publicação.” Isso é pura especulação, é claro, mas é realista supor que uma pessoa normal reagiria assim.

Então, o que o Exército devia ter feito ao receber um alerta parcial do jornal, sem menção das condições do Prédio 18? Ao receberem tal prévia, a maioria das organizações aproveitaria esse tempo para avisar os superiores sobre o que estava por vir, elaboraria contrapontos à reportagem e se prepararia para destacar quaisquer erros factuais. Esperar até a publicação da reportagem antes de contatar outras organizações da mídia não é apenas a coisa certa, mas também a coisa prudente e pragmática a fazer. Não engajar em *briefings* manipulativos e preventivos pode significar nunca ter de abordar uma matéria. No mínimo, tal abstenção evita o potencial de criar, sem querer, matérias tangentes que possam aumentar as dificuldades.

Três dias depois da reportagem inicial do *Post*, as notícias pioraram para o Exército. Na quarta-feira, dia 21 de fevereiro, o *Post* veiculou um editorial que abordava os problemas do Walter Reed. Intitulado “Rotten Homecoming” (Retorno Terrível), o editorial criticou o Exército pelo “desprezo burocrático e imundície que, com demasiada frequência, aguardavam os soldados gravemente feridos” no Walter Reed. Também citou a promessa de Weightman de que “as condições na instalação melhorarão rapidamente”, chamando de “louvável” a resposta do comandante do Centro Médico.<sup>16</sup>

Devo fazer um aparte aqui: de todos os oficiais de alto escalão do Exército envolvidos na matéria, apenas Weightman parece ter entendido como lidar com a imprensa numa série de reportagens negativas como essas. Infelizmente, ele foi designado como o primeiro bode expiatório pelos problemas no Walter Reed — embora, segundo consta, ele tivesse começado a limpar a bagunça que encontrou ao assumir o comando em agosto de 2006.<sup>17</sup>

As mesmas duas jornalistas que escreveram a matéria inicial, e a complementar publicada na segunda-feira (Priest e Hull), tinham mais um artigo no jornal naquele mesmo dia.

“Oficiais superiores do Exército visitaram o Prédio 18 ontem...”, escreveram as jornalistas. “O Secretário do Exército, Francis Harvey, e o Subchefe do Estado-Maior, Richard Cody, visitaram o prédio e falaram com soldados, enquanto trabalhadores com máscaras de proteção removiam mofo das paredes e arrancavam o carpete sujo.” Weightman foi citado dizendo que “todos os acréscimos ao quadro de funcionários por ele solicitados seriam efetuados”. O Secretário do Exército Harvey também foi citado quanto às causas dos problemas no Walter Reed: “É um fracasso... da liderança da guarnição... que nunca deveria ter ocorrido, e corrigiremos rapidamente essa situação”.<sup>18</sup> Estava claro que a busca de um bode expiatório havia começado, mas pelo menos as pessoas nos altos escalões do Exército começavam a reconhecer que havia problemas no WRAMC.

Na quinta-feira, o Diretor de Saúde do Exército, General Kevin Kiley, acreditava que a situação no Walter Reed estava sob controle. No que foi claramente o início de seus problemas em lidar com o desastre de relações públicas, Kiley expressou sua opinião numa coletiva de imprensa nas dependências da instalação médica. Ao se referir ao prédio que o *Post* disse estar cheio de “fezes de rato, baratas mortas e tapetes manchados”, ele disse aos repórteres reunidos: “Não considero que o Prédio 18 esteja abaixo do padrão.” Minimizando as condições no Walter Reed e ignorando os problemas sistêmicos identificados nas matérias do *Post* e abordados por

**... ela sempre estará presente, fazendo um trabalho necessário para uma república livre?... quanto antes aceitarmos isso, tanto melhor nos sairemos.**

seu subordinado, Weightman, Kiley declarou: “Francamente, corrigimos todos esses problemas”.<sup>19</sup> Ao fazer tais declarações, Kiley violou mais uma regra-chave para tratar de um desastre de relações públicas: *não tente negar o óbvio*. Se os oficiais de alto escalão não achavam que as fezes de rato e as paredes



cobertas de mofo representavam um problema numa instalação médica, então o Exército está num estado pior do que se pensava.

Em seguida, Kiley apresentou uma postura de distanciamento que provou ser reveladora demais e acabou levando à sua derrocada.

**A síndrome de ver a “imprensa como o inimigo”, tão comum durante e depois do Vietnã, continua viva e forte entre os oficiais-generais do Exército de hoje.**

Ao fazê-lo, ele ofereceu mais um exemplo de como não lidar com problemas reais. Ao dizer que as matérias do *Post* só representavam um lado da história, defendeu as condições do Prédio 18, dizendo: “Esse não é um fracasso terrível e catastrófico no Walter Reed.”<sup>20</sup> O comentário sobre representarem apenas um lado da história é o que se destaca. Pergunta-se o que ele pensava ser o outro lado da história. Achava que justificaria a situação se alguns quartos no prédio não tivessem mofo, roedores ou baratas mortas? O tema voltaria à tona.

O episódio do Walter Reed prejudicou claramente a credibilidade do Exército. A melhor abordagem seria que os chefes do Exército entendessem e aceitassem a realidade que o WRAMC tinha problemas em relação à sua infraestrutura, às condições nas quais alguns soldados e fuzileiros navais convalescentes viviam e aos procedimentos burocráticos do Departamento de Defesa para designar níveis de invalidez. Os relatos do *Post* nunca deixaram claro, porém, que o departamento médico do Exército não era responsável por essas inconveniências burocráticas. Caso as partes principais envolvidas tivessem respondido de forma mais refletida, abordando tais imprecisões, teriam atenuado o impacto acumulado. Em vez disso, sua resistência, oriunda da arrogância, impediu o engajamento construtivo nos próprios problemas. A postura de Kiley era de que a matéria constituía o problema, não as condições do WRAMC.

No dia 1º de março, o *Post* noticiou que o Exército havia “afastado vários soldados de graduação baixa que administravam os pacientes externos” — supostamente logo depois que a matéria inicial foi veiculada. Contudo, a liderança do departamento médico do Exército não fez *mea-culpa* algum.<sup>21</sup> Naquele mesmo dia, a busca de um bode expiatório entre os oficiais de alto escalão começou. Weightman foi afastado do comando do WRAMC. Contudo, seu afastamento só veio a agravar os problemas do Exército, porque seu substituto, Kiley, havia sido encarregado do Walter Reed antes de se tornar o Diretor de Saúde em 2004.<sup>22</sup>

A reportagem do *Post* destacou que Weightman estava no comando do Walter Reed desde agosto de 2006 apenas e tentara corrigir algumas das deficiências que encontrou. O *Post* observou que a nomeação de Kiley “surpreendeu alguns oficiais do Departamento de Defesa, porque os soldados, as suas famílias e os defensores dos veteranos reclamaram que ele estava ciente dos problemas do Walter Reed havia muito tempo e não fez nada para melhorar o tratamento dos pacientes externos”. Como um presságio sinistro, a reportagem do *Post* também observou que o Secretário de Defesa, Robert Gates, “não estava envolvido na nomeação de Kiley”.<sup>23</sup>

No dia seguinte, o Secretário do Exército, Harvey, também foi afastado, provavelmente devido ao seu papel na nomeação de Kiley como comandante interino do Walter Reed. O Secretário Gates foi citado dizendo: “Os problemas do Walter Reed parecem ser problemas de liderança.” Gates parece ter entendido intuitivamente que jogar toda a culpa em Weightman, ao mesmo tempo em que colocava Kiley encarregado do Walter Reed mais uma vez, simplesmente não seria aceitável.

Enquanto isso, Kiley continuou a se entrincheirar com mais resistência. “Quero me defender”, ele disse. “Era... a ‘imprensa marrom’ no seu pior aspecto...”<sup>24</sup> Quase imediatamente, Kiley foi substituído no Walter Reed pelo General Eric B. Schoomaker, irmão mais novo do Chefe do Estado-Maior do Exército.<sup>25</sup> Contudo, o dano já havia sido feito. O Exército já perdera um general-de-brigada e



AP Foto, Manuel Balce Ceneta

O Chefe de Saúde do Exército, Kevin Kiley, fala à imprensa durante uma coletiva de imprensa no complexo do Centro Médico do Exército Walter Reed, em Washington D.C., em 22 de fevereiro de 2007.

um secretário de uma força singular, além de vários soldados de baixa graduação, e o sangramento ainda não fora estancado.

O Secretário Harvey violou um princípio-chave de liderança: *descubra quem é realmente o responsável antes de começar a demitir as pessoas*. Agir por agir é raramente apropriado, embora pareça ser algo bastante comum em Washington. Como Secretário do Exército, Harvey devia ter sido mais ponderado, compreendendo que os problemas no WRAMC haviam se desenvolvido, sem dúvida, ao longo de anos. Kiley concluíra um mandato de administração recentemente, e não houve tempo suficiente desde então para que aquelas condições surtissem do nada.

Nessa altura do artigo, duas coisas se destacam claramente: o Secretário de Defesa, Gates, “entende”; compreende os problemas, ao contrário de grande parte da liderança do Exército. Por exemplo, no mesmo dia em que demitiu Harvey, Gates foi citado dizendo: “Estou decepcionado que alguns no Exército

não reconheçam devidamente a gravidade da situação referente ao tratamento de pacientes externos do Walter Reed. Alguns demonstraram uma postura excessivamente defensiva, sem colocar foco suficiente na investigação e resolução dos problemas”.<sup>26</sup>

Muito antes de os problemas chegarem até esse ponto, porém, o gabinete do Presidente Bush se manifestou. Ele estava “profundamente preocupado”, disse o Assessor de Imprensa, Tony Snow. Membros do Congresso também expressaram preocupação. A Presidente da Câmara dos Deputados, Nancy Pelosi, pediu que o Comitê das Forças Armadas investigasse o assunto e vários candidatos presidenciais condenaram as condições da instalação.<sup>27</sup> Entretanto, algumas pessoas no Exército — ou que haviam feito parte dele recentemente — pareciam continuar a não entender.

Como se não houvesse prestado atenção ou escutado as declarações de preocupação dos líderes políticos do país, o ex-Secretário Harvey — talvez compreensivelmente, dado

o seu destino — continuou a jogar a culpa na mídia e não na gerência do Walter Reed, ou em si mesmo, por sua má escolha de um sucessor para Weightman. As reportagens do *Post* não eram equilibradas, disse Harvey. Em seguida, ele espelhou o distanciamento fatídico e incompreensível de Kiley ao perguntar: “Onde está o outro lado da história”?<sup>28</sup>

Durante uma audiência perante uma comissão do Congresso, Kiley admitiu sua responsabilidade de uma forma confusa: “Estou tentando não dizer que não sou responsável”, disse o Diretor de Saúde. Em seguida, um repórter lhe perguntou como poderia não saber sobre os problemas que existiam do outro lado da rua de seu quartel. Numa daquelas frases de efeito de quatro segundos que se transformam, muitas vezes, nos cliques de vídeo emblemáticos incluídos nos noticiários da noite, o distanciamento irônico de Kiley selou o seu destino. “Não faço as inspeções do aquartelamento no Walter Reed”, disse o general.<sup>29</sup> Se havia, até então, alguma esperança de que Kiley sobre-

vivesse, essas palavras — exibidas com sua foto na primeira página do *Post* no dia seguinte — sinalizaram seu fim. Ele pronunciou as palavras na segunda-feira, 5 de março de 2007, e os especialistas apostaram que ele não duraria uma semana. Estavam certos. Na segunda-feira, dia 13 de março, Kiley anunciou que ia se aposentar, tendo apresentado a sua solicitação ao Secretário do Exército em exercício, Pete Geren, no dia anterior.<sup>30</sup>

Segundo o *Post*, Geren, um ex-congressista do Partido Democrático do Texas, “tinha buscado o afastamento de Kiley nos últimos dias”.<sup>31</sup> A General Gale S. Pollock, vice de Kiley, foi rapidamente nomeada Diretora de Saúde interina. Infelizmente, ela também teve problemas com a imprensa imediatamente.<sup>32</sup>

Em momento algum no decorrer das várias semanas de duração desse desastre, um representante do Exército apontou um erro factual nas reportagens. Havia acusações de exagero, mas nunca exemplos concretos que demonstrassem que algum repórter



Departamento de Defesa, Helene C. Stikkel

O Secretário de Defesa, Robert M. Gates, e o Vice-Chefe do Estado-Maior Conjunto, Almirante Edmund Giambastiani, visitam o Centro Médico do Exército Walter Reed, em 23 de fevereiro de 2007. Os dois líderes realizaram uma coletiva de imprensa depois de sua reunião com alguns soldados feridos em tratamento no centro.



havia escrito algo enganador ou inexato —, por exemplo, o fato de que a burocracia confusa não tem nada a ver com a medicina do Exército. A conclusão profunda que surge desse e de outros aspectos do desastre é que o Exército deve estar fazendo um péssimo trabalho ao preparar seus oficiais-generais para trabalhar com a mídia.

A síndrome de ver a “imprensa como o inimigo”, tão comum durante e depois do Vietnã, continua viva e forte entre os oficiais-generais do Exército de hoje. Isso é verdade apesar do fato de que nenhum deles serviu durante a Guerra do Vietnã.<sup>33</sup> Esse medo herdado em relação à imprensa revela um inconveniente medo da transparência. Pergunta-se se isso é originado de uma falta de confiança corrosiva na justiça das próprias metas e na força da própria capacidade. Sem dúvida, demonstra uma atitude distorcida em relação ao serviço público. A seguir, são relacionadas algumas das lições que a liderança do Exército pode extrair desse fiasco.

- *Ao enfrentar alegações de infração, má conduta ou simples negligência, admita-as caso sejam verdade.* Quantas vezes em sua carreira no Exército você reagiu a um fracasso pessoal oferecendo uma explicação ou desculpa fajuta a um superior? Não muitas, aposto. Sei que é um pouco simplista, mas uma versão mais sofisticada dos antigos “Sim, senhor”, “Não, senhor” e “Sem desculpa, senhor” ainda deve ser a base de suas respostas. Apresente as circunstâncias atenuantes, se houver, mas, então, explique o que está fazendo para corrigir o problema. Nesse caso, não havia desculpa para as fezes de rato e baratas mortas nos quartos onde nossos feridos convalesciam.

- *Não culpe o mensageiro.* Nunca bastará alegar que é coisa da “imprensa marrom” ou lamentar que a imprensa nunca escreva sobre coisas boas. Há muitas histórias, por exemplo, sobre a qualidade do tratamento no Walter Reed, em Bethesda e no setor de queimaduras do Centro Médico do Exército Brooke, em San Antonio.<sup>34</sup> É a função do Quarto Poder fazer reportagens sobre as fraquezas e tolices dos funcionários governamentais.

- *Entenda que os repórteres são seres humanos também.* Caso os traia, eles se ressentirão disso e de você. A tentativa de

passar à frente deles avisando a concorrência antes da publicação não é aceitável.<sup>35</sup> As consequências cármicas desses truques podem

***Numa daquelas frases de efeito de quatro segundos que se transformam, muitas vezes, nos cliques de vídeo emblemáticos incluídos nos noticiários da noite, o distanciamento irônico de Kiley selou o seu destino...***

ser estimulantes. Esses repórteres não tenderão a esquecer ou perdoar e, na próxima vez que lhes fizer um pedido, provavelmente reagirão de forma desmedida e o afrontarão.

- *Realmente não importa se você não gosta da imprensa.* A Constituição que jurou defender os protege. Eles farão o trabalho deles, e a sua carreira — como alguns de nossos oficiais do Exército descobriram com espanto — pode depender de como você interage com eles. Você não tem de gostar deles, mas precisa aprender a trabalhar com eles de forma razoável e civilizada.

- *Cultive o relacionamento com repórteres que cubram a sua área de responsabilidade.* Se eles o conhecem pessoalmente, é menos provável que escrevam algo sem obter um entendimento completo e justo. Essa familiaridade pode muito bem persuadi-los de que não há nada a noticiar.

- *Lembre-se que, na maioria das situações, você só precisa sobreviver ao ciclo de notícias de um dia.* A menos que o seu fracasso seja realmente monumental — e o WRAMC se encaixava nessa categoria como poucos outros — outra pessoa tomará o seu lugar na primeira página. O Walter Reed acabou perdendo o seu lugar nas primeiras páginas para as matérias sobre o Procurador Geral, Alberto Gonzalez, e os promotores públicos federais demitidos, mas os seus efeitos permanecem altamente visíveis. Caso queira, você pode, é claro, manter a cobertura da imprensa ao atacá-la ou tentar manipulá-la.



Em última análise, se os líderes superiores puderem ver o que deu errado com a forma como o Exército tratou dessa série de revelações e, então, tirar conclusões certas, talvez alguma coisa boa resulte desse episódio, por mais doloroso que tenha sido. Por exemplo, os oficiais do Exército continuarão a reclamar da cobertura da imprensa ou se darão conta de que ela sempre estará presente, fazendo um trabalho necessário para uma república livre? Ela tem o direito de estar presente e quanto antes aceitarmos isso, tanto melhor nos sairemos. Precisamos aceitar que o fato de a imprensa observar o que fazemos e noticiá-lo nos responsabilizará perante nossos cidadãos e perante os soldados sob nossa liderança. Não aceitá-lo será o cúmulo da hipocrisia.

O resultado de toda essa desordem é que foi, de fato, uma confusão, e o Exército está

fazendo agora o que devia ter feito anos atrás: limpá-la. O Exército faria isso, não fossem as revelações da imprensa? Os comandantes apoiariam o programa *Army Wounded Warrior* (Guerreiros Feridos do Exército) com orçamentos específicos da mesma forma que o fazem agora se a situação do WRAMC não tivesse vindo à tona? Espera-se que sim, mas as reportagens do *Post*, com certeza, aceleraram o processo. A antiga Secretária-Adjunta de Relações Públicas do Departamento de Defesa, Torie Clarke, escreveu um livro sobre esse assunto intitulado *Lipstick on a Pig* (Batom no Porco).<sup>36</sup> Se o que você tem é de uma sujeira suína, como Clarke diz, dar um brilho não enganará ninguém numa sociedade aberta. Mesmo os Estados sem imprensa livre nem sempre escapam impunes. **MR**

## REFERÊNCIAS

1. PRIEST, Dana e HULL, Anne. "Soldiers face Neglect, Frustration at Army's Top Medical Facility," *Washington Post Magazine*, 18 de fevereiro de 2007, A0
2. *Ibid.*
3. *Ibid.*, A03
4. HULL, Anne e PRIEST, Dana. "The Hotel Aftermath," *The Washington Post*, 19 de fevereiro de 2007, A01.
5. Entrevista telefônica, James T. Currie com Howard Kurtz, 29 de março de 2007.
6. Entrevista telefônica, James T. Currie com o Cel Daniel Baggio, Chefe de Relações com a Mídia do Gabinete de Comunicação Social do Exército, 28 de março de 2007.
7. KURTZ Howard. "The Army's Preemptive News Briefing", *The Washington Post*, 24 de fevereiro de 2007, C1
8. Entrevista telefônica, James T. Currie com o Cel Daniel Baggio, Chefe de Relações com a Mídia do Gabinete de Comunicação Social do Exército, 28 de março de 2007.
9. The Associated Press, "Head of Army's Walter Reed hospital acknowledges outpatient complaints," 17 de fevereiro de 2007.
10. Entrevista telefônica, James T. Currie com o Cel Daniel Baggio, Chefe de Relações com a Mídia do Gabinete de Comunicação Social do Exército, 28 de março de 2007.
11. SPIEGEL, Peter. "Walter Reed couldn't handle wounded from Iraq, leader says," *latimes.com*, 18 de fevereiro de 2007.
12. MALEK, Alia. "Army Tries to Spin Walter Reed Story, Gets Bitten in the Ass," *CJR Daily*, 1º de março de 2007.
13. Entrevista telefônica, James T. Currie com o Cel Daniel Baggio, Chefe de Relações com a Mídia do Gabinete de Comunicação Social do Exército, 28 de março de 2007.
14. KURTZ, Howard. "The Army's Preemptive News Briefing", *The Washington Post*, 24 de fevereiro de 2007, C1.
15. *Ibid.*
16. "Rotten Homecoming: This is no way to treat a veteran," *The Washington Post*, 21 de fevereiro de 2007, A14.
17. O capelão mais antigo no Walter Reed, John R. Kallerson, enviou um e-mail em 11 de março, no qual ele afirmou que, imediatamente depois de assumir o comando, o General Weightman havia solicitado verbas para reparos no Walter Reed e que o Exército levou quatro meses para atender ao pedido, o que ocorreu logo antes das reportagens serem publicadas.
18. PRIEST, Dana e HULL, Anne. "Swift Action Promised at Walter Reed," *The Washington Post*, 21 de fevereiro de 2007, A08
19. MILBANK, Dana. "Painting Over the Problems at Walter Reed's Building 18," *The Washington Post*, 23 de fevereiro de 2007, A02
20. *Ibid.*
21. HULL, Anne e PRIEST, Dana. "Hospital Officials Knew of Neglect," *The Washington Post*, 1º de março de 2007, A01
22. VOGEL, Steve e BRANIGIN, William. "Army Fires Commander of Walter Reed," *The Washington Post*, 2 de março de 2007, A01.
23. *Ibid.*
24. RICKS, Thomas E. e TYSON, Ann Scott. "Defense Secretary Sends Stern message About Accountability," *The Washington Post*, 3 de março de 2007, A08.
25. *Ibid.*
26. ABRAMOWITZ, Michael e VOGEL, Steve. "Army Secretary Ousted," *The Washington Post*, 3 de março de 2007, A01.
27. PRIEST, Dana e HULL, Anne. "Swift Action Promised at Walter Reed," *The Washington Post*, 21 de fevereiro de 2007, A08.
28. *Ibid.*
29. MILBANK, Dana. "Two Generals Provide A Contrast in Accountability," *The Washington Post*, 6 de março de 2007, A01.
30. WHITE, Josh. "Surgeon General of Army Steps Down," *The Washington Post*, 13 de março de 2007, A01.
31. *Ibid.*
32. *Ibid.*
33. General William Tecumseh Sherman disse: "Vejo todas essas harpias dos jornais como espíões e acho que deviam ser punidos como tais." PERRY, James M. *A Bohemian Brigade: The Civil War Correspondents, Mostly Rough, Sometimes Ready* (New York: John Wiley & Sons, Inc., 2000), p. 176.
34. Encontrei as reportagens a seguir, por exemplo, em apenas poucos minutos no Google e com uma espiada nos arquivos do *The Washington Post*: "A Resource Too Valuable to Close, The Washington Post Editorial, 14 de junho de 2005, A20; CONNOLLY, Aci. "U.S. Combat Fatality Rate Lowest Ever," *The Washington Post*, 9 de dezembro de 2004, A24; "Taking Care of Our Own", o editorial do *The Washington Post*, 13 de outubro de 2004, A20; VOGEL, Steve. "Wartime's Lifesaving Technological Advances Given Their Due," *The Washington Post*, 20 de novembro de 2003, T05; BARR, Stephen. "On Memorial Day, a 12-Hour Shift and an Extra Dose of Respect," *The Washington Post*, 26 de maio de 2003, B02; WILLIAMS, Clarence e WELL, Martin. "Wounded Servicemen at Area Hospitals," *The Washington Post*, 29 de março de 2003, A28; "Center for Amputees Opens," *The Washington Post*, 30 de janeiro de 2007, A09; *National Public Radio*, 15 de março de 2007, "Army Burn Center Sees Some of the Worst War Wounds"; *Associated Press*, 9 de março de 2007, "Brooke Army Medical Center Addresses Soldier Care."
35. Howard Kurtz relata um incidente semelhante envolvendo um diálogo entre o Departamento da Fazenda, *The New York Times* e o *Wall Street Journal*. Consulte KURTZ. "The Army's Preemptive News Briefing," *The Washington Post*, 24 de fevereiro de 2007, C1.
36. CLARKE, Torie. *Lipstick on a Pig* (New York: Free Press, 2006).